

Encontrar um amigo que se compadeça da nossa desgraça é fácil, mas encontrar um que se alegre com o nosso êxito isso é que vale a pena, isso é que é difícil

OSCAR WILDE

ANO VII — N.º 177

MARÇO

15

1 9 5 9

AVENÇA



Nacional



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ

Sempre a terra

A agricultura algarvia faz lembrar aquele barco que, em maré de má sorte, esbarrou num baixo e aí ficou à mercê das ondas que, a pouco e pouco, o vão esfacelando, ao mesmo tempo que a pirataria faz sortidas sobre sortidas e o vai despojando de tudo quanto oferece algum valor. Se a comparação não resulta completa, porque o meio é diferente, fica, ao menos, aproximada.

Tal como sucede ao barco, cuja guarnição o abandonou aos poucos, também na agricultura se deu o abandono por parte do brago trabalhador, que, desiludido e sem esperanças, preferiu mourear terras de outros países a viver duma jorna que só lhe proporcionava fome e miséria. Ficaram no entanto alguns trabalhadores, isso ficaram; mas são pessoas duma idade em que o trabalho pouco rende, e ainda que a jorna a atribuir seja baixa, esse trabalho está a ficar bastante caro para aqueles que dele precisam.

Não querem atentar nesse facto aqueles que vivem à margem da lavoura algarvia, aqueles a cujas mãos vão parar os resíduos duma economia que outrora foi próspera e que hoje vive do

capital que outras mãos acumularam. Sim, porque para termos ainda hoje figueiras, alfarrobeiras e amendoeiras foi preciso que outras mãos preparassem a terra e a cobrissem com as árvores que hoje desfrutamos. Quando essas árvores desaparecerem, por velhice ou por cansaço, quem é que as substitui? — Quem é que dispõe de capital para refazer as terras e onde estão os trabalhadores para executar os respectivos trabalhos?

Talvez por isso mesmo, talvez pelas dificuldades que certos magnates encontram para responder a estas perguntas é que eles se atiram de cabeça e à porfia sobre o terreno, que sentem fugir-lhes debaixo dos pés; o servo da gleba pode desaparecer por completo; o feudo pode ficar vazio de gente; e então há que

(Continuação na 2.ª página)

José João Ascensão Pablos

À hora em que o nosso jornal está na máquina, decorre, no Hotel Aliança, em Faro, um jantar com que um grupo de amigos presta homenagem ao nosso prezado conterrâneo e amigo, sr. José João Ascensão Pablos que há pouco deixou de exercer as fun-



ções de Presidente da Câmara Municipal desta Vila.

Não é possível dar notícia detalhada desse acontecimento e por isso a «A Voz de Loulé» gostosamente compartilha nessa homenagem transcrevendo as palavras que o seu director, na qualidade de representante das Ordens dos Advogados e dos Médicos, pronunciou na Sessão do Conselho Municipal de 14 de Fevereiro, e que o mesmo Conselho aprovou por unanimidade.

(Continuação na 4.ª página)

O Santuário

DE

Nossa S. da Piedade

Reuniu numa das Salas da Câmara a Comissão que Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo do Algarve quis que se nomeasse para levar a efeito a construção do nosso Santuário da Nossa Senhora da Piedade. Parece que enfim se vai dar novo impulso a tal empreendimento e, vamos lá, que já não é sem tempo.

A Comissão que é presidida pelo Rev. Prior da freguesia de S. Sebastião Padre Joaquim da Palma Viegas, representado para o efeito pelo Rev. Padre Luís Celato, tem como Vice-Presidente nato o sr. Presidente da Câmara, para Secretário o Dr. Jaime Guerreiro Rua, Tesoureiro o Dr. António Rodrigues Correia e como vogais os srs. João Valadares d'Aragão e Moura, Albano Maria de Aragão Faísca, Raul Rafael Pinto, Drs. Aires de Lemos Tavares e Teodoro de Sousa Pedro, José da Costa Guerreiro, Rui Eduardo da Glória Centeno, Jo-

(Continuação na 4.ª página)

A C. P. E A SUA DEDICAÇÃO PELO ALGARVE

Segundo lemos no «Diário Popular» de 2 do corrente e segundo informações posteriores que colhemos, a C. P. parece que tencionava fazer substituir as automotoras «Nohab» que actualmente, com tanta insuficiência e falta de segurança, mantêm a ligação do Algarve com o Barreiro, por automotoras «Allans», próprias para carreiras de longo curso. Porém parece que logo se arrependeu pois aos algarvios não vale a pena proporcionar-lhes mais comodidades. Eles podem muito bem continuar viajando nos veículos cuja leveza e conse-

quente insegurança, se nota no balancear quando seguem a alta velocidade, sentados em poltronas que se suportam razoavelmente uma ou duas horas, mas que são incómodas para o longo percurso Faro — Barreiro.

Parece que é o sr. Engenheiro Director de Tracção quem pretende desviar as «Allans» destinadas à carreira do Algarve para serviço em outra região (certamente mais simpática à C. P.) e cujo estudo está a começar, sob a peregrina alegação de que tais automotoras não podem ser revistas no Barreiro!

E nós a pensarmos que as oficinas do Barreiro eram um mimo!

Valha-nos Deus, Senhor Engenheiro Director de Tracção, é bom lembrar-se de que no Algarve também há pessoas que têm direito a comodidades e que os algarvios também são portugueses.

Daqui damos o apoio, fraco e longínquo, é certo, a todos os que em Lisboa, e especialmente destacamos a prestimosa Casa do Algarve, trabalham para que a C. P. confirme a boa vontade que teve uma vez ao estabelecer as carreiras diárias de automotoras e não volte (ou não continue, co-

mo até aqui, salva aquela excepção) a ter pelo Algarve e pela sua gente, o mesmo ativo desprezo que já mais de uma vez assinalámos verificar-se nos seus serviços.

É que, no caso, não se trate só de comodidade, está em causa uma maior margem de segurança a que nos julgamos com direito.

Vamos lá, Senhores da C. P., dêem lá uma esmolinha a esta pobre gente da Província enteadada do País, para que deixe de ser o museu, ainda que movimentado, das antiguidades do caminho de ferro.

Apelo necessário

O curso com que se inaugurou a Escola Técnica desta vila termina no ano corrente pelo que, se não forem criados os subsequentes cursos de Formação Profissional, os alunos terão de transitar para outro estabelecimento (Faro ou Silves) ou ficarão com os pequenos rudimentos recebidos no ciclo preparatório.

Sabemos que a Câmara Municipal desde há meses se vem esforçando por conseguir as instalações de que depende a criação dos cursos de formação, mas infelizmente sem êxito. Não existindo casa de que disponha, o município, por falta de disponibilidades e até porque seria anti-económico, não pode erguer um edifício para, provisoriamente, instalar as aulas até que um dia surja o edifício apropriado. Se as actuais instalações são já insuficientes para as aulas do próprio ciclo preparatório, cuja frequência aumentou e vai aumentar, a situação da Escola Técnica passa a ser de difícil manutenção, com grave risco para si, que foi, durante muitos anos uma das maiores e mais legítimas aspirações do concelho.

Graves serão os prejuízos para a massa escolar cujos cursos seriam, a muitos dos seus componentes, irremediavelmente cortados. Sabemos que a Direcção Geral iria criar cursos de carpinteiros, marceneiros, serralheiros-mecânicos, ceramista, montador electricista, etc., que a frequência justificasse, mas não poderá fazê-lo se, até ao fim do mês, a Câmara não puzer à sua disposição edifício adaptável que, nas actuais circunstâncias, poderá ser até um armazém.

Esta urgência resulta de terem de ser feitas obras, terem de ser recrutados professores e de terem de ser satisfeitas formalidades burocráticas de modo a tudo funcionar em Outubro.

Ao dar este rebate apelamos para toda a população, no sentido de, com os seus alvitre ajudar a resolver tão instantâneo problema e para a boa vontade de quem possa, neste momento, ceder edifício que a Câmara possa utilizar.

O Almirante Gago Coutinho E A PÁTRIA

«A Pátria honrai, que a Pátria vos contempla...» — * * *

A Pátria acaba de perder um dos seus filhos mais ilustres e a ciência um dos seus mais assinalados cultores e um dos seus mais gloriosos ornamentos. Choremos convulsivamente a sua perda, porque a vida não é terna, mas orgulhemo-nos firmemente da sua glória imarcescível, da grandiosidade do seu nome, da projecção universal da sua ciência. A aviação deve-lhe imenso e a glória de Portugal, por intermédio de tão inclito cidadão, será eterna.

Descobriu a orientação das aeronaves.

O que se fazia ao acaso, balizado por pontos de referência previamente colocados, conseguiu

RAIZES ANTIGAS

Um romancista brasileiro — e de nomeada — anda, presentemente, a percorrer Portugal, aonde nunca viera.

Ver Portugal é, sem dúvida, um desejo de quantos tiveram as suas raízes nessa terra antiga e que um dia partiram para outras paragens.

Do escritor que visita, agora, a Pátria velha eram os seus avós, uns do Douro, outros da Ilha de Santa Maria.

Como este romancista, Erico Veríssimo, grandes nomes de literatura e das artes se fizeram, longe da terra antiga. E neles se podem e devem rever aqueles que trabalham distantes de Portugal e que, com o seu labor, dignificam o nome português.

Gago Coutinho tornar certo e exacto através do seu maravilhoso sextante, em que a linha do horizonte lhe era dada por nuvens de fumo, e ele, matemático insigne, podia de momento a momento determinar o lugar que ocupava no espaço infinito, sem qualquer outro ponto de referência.

Foi na primavera de 1922. Vivemos essas horas de epopéia e de exaltação patriótica. Jámais o esqueceremos, e os transportes de contentamento, unção patriótica e júbilo que brotavam de todos os lados, dos cientistas ao povo, dos professores aos alunos, das classes elevadas aos humildes, todos imantados num sentimento indelével de glória e de emoção, eram inextinguíveis.

Descobrimos cientificamente, exactamente, com verdadeiro conhecimento das regras de nave-

(Continuação na 3.ª página)

Tuna Académica

No próximo dia 4 de Abril exhibir-se-á no Cine Teatro Louletano, este conhecido e muito apreciado agrupamento artístico que vem proporcionar aos louletanos alguns momentos de recreio espiritual que ficarão inesquecíveis a quantos tenham o ensejo de assistir a esse espectáculo.

Com esta visita, terá Loulé, a feliz oportunidade de conhecer o romantismo, o espírito, a graça e a rara elevação artística da Tuna Académica de Coimbra, cujo valor é sobejamente conhecido em todo o País e no estrangeiro.

O CASO do Liceu de Faro

Conforme noticiámos no nosso passado número, o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo, sr. Tenente Coronel Manuel de Sousa Rosal referiu-se, na Assembleia Nacional, como dinâmico e sempre atento deputado pelo Algarve, à necessidade da criação, em Faro, de um novo liceu por a lotação do existente ultrapassar em muito as conveniências do ensino.

Para boa elucidação dos nossos leitores arquivamos alguns trechos do seu belo discurso.

Pois, Sr. Presidente, apesar de a situação do Liceu de Faro se ajustar como uma luva a estes imperativos geradores do plano da construção de novos liceus e estar no número das que clamam providências mais urgentes para fazer cessar as causas altamente perturbadoras da saúde escolar, por congestionamento de frequência, foi ela ignorada na sua elaboração.

O actual edifício do Liceu de Faro foi inaugurado em 1948, para uma lotação de oitocentos alunos.

Presentemente é frequentado por mais de mil e trezentos.

A evolução da frequência pode apreciar-se nestes mapas que tenho na mão e que peço dispensa de ler, para não tomar tempo à Câmara, solicitando, contudo, a V. Ex.ª, Sr. Presidente, que sejam transcritos no «Diário das Sessões», a fim de elucidar quem tenha interesse em debruçar-se sobre este assunto.

A criação de um liceu em Portimão, ao qual afliu, desde início, uma impressionante frequência, com tendência para aumentar, não quebrou o ritmo do crescimento da população escolar do Liceu de Faro.

Cada um dos liceus do Algar-

(Continuação na 3.ª página)

Ligações à Estação do Caminho de Ferro

Constituiu assunto apaixonante no nosso meio, e até fora dele, o artigo que publicámos sobre este magno problema, no penúltimo número do nosso quinzenário.

Foi diversamente discutido e apreciado o que aqui escrevemos, seguro indício de que é de palpitante interesse para a vila e seu concelho, o importante problema das suas comunicações fáceis, rápidas, cómodas e económicas com o resto do País.

Várias pessoas aplaudiram e exteriorizaram o seu caloroso incitamento, e são estes os interessados no progresso e expansão da nossa vila. Desejam que ela re-

Loulé... em retrato

Por razões julgadas ponderosas postas à direcção do nosso jornal, vai ser substituída por outra, possivelmente QUESTÕES DE LINGUAGEM, e da responsabilidade de um ilustre professor do ensino secundário, a Secção «Loulé... em retrato», que já hoje se não publica.

tome a cadência de terra trabalhadora, progressiva e bairrista, desejosa de se desenvolver e progredir, ansiosa de acertar o passo.

Outros leitores manifestaram o seu desacordo, alegando que é impossível o que se pretende, dizendo que tal assunto não deve ser versado como foi, pois induz o povo em erro e faz-lhe criar ilusórias esperanças que não podem ter efectivação.

Meditámos séria e detidamente sobre o assunto, e três hipóteses se nos apresentaram. Ou o caso não deve ser debatido, porque não convém agitar o problema na imprensa, mas essa hipótese deve ser posta de parte, porque justamente para tratar de interesses de carácter regional e local é que existe o periódico e negaria a sua própria razão de ser, se recusasse debater estes e

(Continuação na 2.ª página)

Roubei-te um beijo e disseste que ser ladrão é pecado... — Deixa, pois, devolver-te o beijo que foi roubado.

Novo Delegado do I. N. T. P.

A ocupar a vaga deixada pela recente promoção do nosso prezado amigo sr. Dr. António Teixeira Marques, tomou posse das altas funções de delegado da I. N. T. P., em Faro, o sr. Dr. José da Costa Vusconcelos da Cunha Pimentel.

Ao novo magistrado, que vem de Ponta Delgada precedido de fama de funcionário dinâmico e compreensivo, a apresentamos cumprimentos de boas vindas e, com os desejos dos melhores êxitos na nossa província, oferecemos-lhe a nossa franca e leal colaboração.

Imprensa Regional

A semelhança do que já fizeram os jornais do centro e sul do País, esteve reunida em Lisboa a Imprensa Regional do Norte, representada pelos seus directores e responsáveis.

Assistentes à reunião, estiveram os membros da Comissão de estudos eleita pelos jornais do centro e sul constituída pelos nossos prezados colegas de imprensa Rev. Cônego Galamba de Oliveira, Drs. Mário Lyster Franco, Saudade e Silva e Oliveira Charrua.

Chegando às mesmas conclusões resultantes dos trabalhos efectuados na I reunião dos jornais do Sul e Centro, os representantes da Imprensa Regional do Norte, vão, unidos a nós, esforçar-se por dar vida aos votos por todos formulados.

A Casa do Algarve e o nosso jornal

Da nossa casa regional em Lisboa recebemos uma pendorante carta em que se nos comunica ter sido exarado, na acta da última Assembleia Geral, um voto de saudação e agradecimento, pelo incitamento e ajuda que «A VOZ DE LOULÉ» tem prestado às suas iniciativas.

Nada tem que nos agradeça a CASA DO ALGARVE, pois nada mais fizemos que o que nos competia. Para isso aparecemos e para isso temos feito todos os sacrificios e nos temos sujeitado a algumas provações. Somos poucos e por vezes

(Continuação na 4.ª página)

Ligações à Estação do C. Ferro

(Continuação da 1.ª página)

outros assuntos de palpitante interesse para a vila e seu concelho. Essa hipótese por absurda fica portanto de lado.

Ou pode ser também o da falta de competência para entendimento destas coisas, de quem estas linhas subscreve. Aqui há talvez um pouco de razão. Porém, cremos não ser monopólio de uns tantos a inteligência, com inteiro prejuízo dos demais.

Quando é preciso estudarem-se os assuntos, estudam-se, e o modesto plúmulo está disposto a isso. Se aí a sua inteligência claudicar, se não for capaz de chegar onde outros chegam, terá que se render à evidência e deixar que esses outros tratem e agitem problemas que ele, mau grado a sua vontade, não pode abarcar.

Se porém isso se não der, surge uma terceira hipótese, que então é mais séria e grave. Seria a de que os louletanos não têm entendimento suficiente e se deixariam imbuir por trapagens. Não se trata de trapagens, como claramente temos exposto, nem o entendimento dos louletanos é tão fraco que não saibam aquilo que lhes interessa e convém, e as possibilidades ou dificuldades de o conseguir, e além do mais, seria injurioso assim pensar.

Existem felizmente na nossa vila e seu concelho inteligências que têm marcado em todos os ramos do saber humano e não está por certo extinto o alfofre de onde elas brotam, o povo que trabalha e luta para viver e prosperar, e seria injusto crer que não sabem distinguir o trigo do joio, o bem do mal, o interesse da terra do seu prejuízo, o justo do injusto, o razoável do fantasioso.

Não são por isso de atender tais apreciações. Temos a certeza de que são deformações de visão, ou até errônea interpretação dos factos e de suas consequências.

Quando uma pessoa mete um

Ministério da Economia Secretaria de Estado da Indústria Direcção Geral dos Combustíveis EDITAL

FERNANDO AFONSO VIEIRA CAMPOS, Engenheiro de 2.ª classe, exercendo as funções de chefe da 3.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis.

FAZ SABER QUE:

Maria Joaquina, requereu alvará de licença para instalar um armazém de combustíveis domésticos (carvoaria), incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de poeiras e perigo de incêndio, sito na Rua Eng.º Duarte Pacheco, 78, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé e distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste Edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Avenida Miguel Bombarda, 6, em Lisboa.

Lisboa, e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 3 de Março de 1959

Pelo Chefe da 3.ª Repartição,
O Eng.º de 2.ª classe
Fernando Afonso Vieira Campos

VENDE-SE

Um balcão de 3,80 m., com gavetas e armário; uma estante e secretária de mogno; um armário, uma escrivaninha em casquinha e um cofre.

Nesta redacção se prestam informações.

EXCURSÃO

AO

SUL DE ESPANHA, GIBRALTAR E TANGER

De 22 de Abril a 3 de Maio

Visitando: SEVILHA, CORDOBA, GRANADA, MALAGA, LA LINEA DE LA CONCEPCION, GIBRALTAR, ALGECIRAS, TANGER, assistindo à tradicional Feira de Sevilha, e visita às Grutas de ARACENA

Em moderníssimo Auto-carro da E. V. A., Ld.ª

Organização da AGÊNCIA PENINSULAR DE VIAGENS E TURISMO

Direcção de MANUEL A. VIEGAS

Telefone 216 Rua Conselheiro Bivar, 58 FARO

simples postal no correio, coloca-se implicitamente, além do mais, na obrigação de desejar a perfeição desses serviços e a segurança dos caminhos de ferro por onde diariamente transitam. Assim todos nós nos colocamos na obrigação moral e material de ajudar e desejar a perfeição e segurança de tais transportes. Outro tanto quando acompanharmos qualquer pessoa aos transportes rodoviários, isto é às carreiras de camionetas, ou nos utilizamos dos serviços da camionagem de carga. Concomitantemente nos colocamos também na obrigação de zelar o bom estado e perfeição das estradas por onde tais veículos circulam e tudo o mais que lhe diz respeito.

Assim faz toda a gente bem formada, e assim o exigem o imperativo de consciência cívica e os deveres de humanidade.

Os dois transportes são por estes e tantos outros motivos, igualmente úteis e necessários à nação e ao país. Procurar defender, ajudar e fomentar o seu desenvolvimento é dever de todos e obrigação moral a que ninguém de sã consciência e boa formação cívica e social, por certo se eximirá.

Reconhecida a necessidade e conveniência destes dois meios de transporte, importa conjugar os seus esforços para o bem público e é nesse sentido que devem tender todas as diligências. Ambos representam enormes investimentos de capitais, ambos são o emprego de aultado número de pessoas e amparo de numerosas famílias, expressão de vitalidade e progresso.

Os seus esforços devem integrar-se e completar-se e não dispersar-se, e é conhecido existir oficialmente uma Comissão encarregada de rever o regime vigente de coordenação de transportes terrestres.

Por ser já demasiado extenso este nosso arrazoado, deixaremos para ulterior escrito o que pensamos sobre as conveniências de coordenação de transportes e sua imperiosa necessidade, apenas como modesta achega para a solução de tão momentoso problema, cuja acuidade é bem patente.

Os poderes públicos atentarão, por certo, nas razões que nos assistem.

Um louletano

Persianas de plástico

«ROPLASTO»

Agentes no Algarve
LUSALGARVE

Materiais de Construção
Limitada

Telef. 354
F A R O



Agradecimento

A família de Maria do Pilar, no desejo de evitar qualquer falta involuntária, vem, por este meio, patentear a todas as pessoas o seu profundo reconhecimento e a sua gratidão pelas manifestações de pesar que lhe testemunharam por ocasião do falecimento da sua chorada parente e bem assim às que se dignaram acompanhá-la à sua última morada e se interessaram pelo seu estado durante a doença que a vitimou.

SEMPRE A TERRA

(Continuação da 1.ª página)

aproveitar o tempo e obter o maior lucro possível antes que seja tarde, antes que a galinha que põe os ovos de ouro seja comida por qualquer outra tribo. Dentro deste clima, ou melhor, dentro deste quadro psicológico, a lavoura algarvia viu-se despojada do direito de dispor livremente dos seus figos de caldeira e obter deles todo o rendimento possível.

Isto quanto aos figos. Passando às alfarrobas, cujo valor se mantinha, há uns anos, estabilizado acima de vinte escudos a arroba a perspectiva é um pouco pior, porquanto a manobra envolve toda a mercadoria, como se vai ver. Cabe ao alto comércio, pelo volume dos seus capitais, quase toda a exportação de alfarroba. A compra ao produtor faz-se por intermédio dos pequenos comerciantes nos locais da produção. São estes intermediários que animam o mercado de compra e venda na fonte produtora, conduzindo depois a mercadoria ao alto comércio, que vai pagando conforme entende, geralmente em marcha ascendente, a princípio.

Quando este alto comércio se julga na posse duma boa porção, o suficiente para inundar o mercado, inverte o papel de comprador e oferece por preço muito mais baixo do que o corrente, àqueles mesmos intermediários que até ali eram vendedores, as quantidades que estes possam comprar. O intermediário cessa imediatamente de fazer compras ao produtor e volta-se para o alto comércio que, passado o dia, responde-lhe com novas ofertas e novas baixas, exigindo-lhe a entrega correspondente à mercadoria já transacionada.

Atento ao fraco poder de compra do intermediário, este não volta a comprar e faz uma espécie de capitulação entregando a mercadoria pelo preço da última oferta. Está assim realizada a baixa que vem por fim atingir o lavrador, com imediato reflexo no trabalhador rural.

A lavoura, porém, conhecedora destas manobras, aguentava-se como podia e esperava pela ressaca. Entretanto foi-se montando uma indústria de farinação de carções de alfarroba, de cuja propriedade o alto comércio era participante. A pretexto de proteger esta indústria, e com o argumento de que isso viria beneficiar a agricultura, reclamou-

se para ela a entrega de metade dos carções destinados a exportação. Pediu-se um privilégio, que era a entrega dos carções, mas não se pediu a obrigação inerente, que seria aceitá-los. O reflexo não se fez esperar, quer no pequeno comerciante, quer no lavrador, que é afinal quem paga as favas. Como se isso não bastasse, a invenção sobre novo degrau e vem com esta exigência: Não poderão exportar-se quantidades inferiores a cem toneladas.

Ora cem toneladas, que é o mínimo da exportação, somadas às outras cem destinadas à indústria, que pode aceitá-las ou não, traz uma imobilização de capital completamente incomportável para o pequeno e médio comerciante. Nestas condições só pode exportar o alto comércio. Isto na ordem interna, ou seja com a mercadoria exportada. Quanto ao estrangeiro importador, as dificuldades encontradas são as mesmas, porquanto quem dispuser de capital só para cinquenta toneladas, por exemplo, não irá certamente comprar as cem impostas à exportação; antes procura outros mercados que lhe dê maiores facilidades.

A apoiar todos estes argumentos, aí estão os pregos das alfarrobas em escala descendente, e aí está a lavoura a apertar o cinto em proveito do alto comércio e dessa malfadada indústria da farinação dos carções de alfarroba.

Gil Brasino

VENDE-SE

Por motivo de ausência dos herdeiros, vende-se uma propriedade denominada «Campina», com 5 hectares, a 3 quilómetros da vila, junto à estrada Loulé — Quarteira. Tem oliveiras, amendoeiras, figueiras e terra de semear.

Tratar com herdeiros de Francisco Ricardo Bárbara — Vale d'Éguas — Loulé.

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 177 — 15 - 3 - 1959

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo presente se faz saber que pela Primeira Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e nos autos de Acção de Divisão de Coisa Comum que Albino Gomes, também conhecido por Albino Gomes Arriaga e ainda por Albino Gomes Arriaga, solteiro, maior, comerciante, residente em Porto Limon, apartado duzentos e oito, República da Costa Rica, move contra os citados e outros, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os requeridos JOSÉ DA LUZ DE SOUSA, também conhecido por JOSÉ BELCHIOR, casado, marítimo, CASIMIRO BITA, casado, trabalhador, CRISTÓVÃO GOMES, casado, trabalhador, e VICENTE GOMES ARRIAGA, casado, trabalhador, todos ausentes e mparte incerta da Costa Rica ou dos Estados Unidos da América do Norte e cujas últimas residências conhecidas foram no povo e freguesia de Quarteira, desta mesma comarca, para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido feito pelo autor ou requerente, constante do duplicado da petição inicial que se encontra patente na Secretaria Judicial, desta mesma comarca, para lhes ser entregue quando solicitado, sob pena de se proceder à adjudicação ou à venda, seguindo-se os termos dos artigos 1.059.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Loulé, 21 de Fevereiro de 1959

O Chefe da 1.ª Secção
Joaquim Guerreiro Brasão
Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito
Marino Barbosa Vicente Júnior

Uma excursão à Serra do Algarve

Pelo DR. MANUEL VIEGAS GUERREIRO

(CONTINUAÇÃO)

VI

O sítio é de poucos moradores. Encontramos pousada em uma casa pobre, onde dispomos a tralha para o almoço. O meu capacet africano intimida um tanto esta gente humilde. Supõem-me guarda-fiscal, republicano ou guarda-rio. Abrem-me as portas, reticentes e desconfiados. Aqui é uma mulher já velha que me recebe. Um moço de lavoura derreia-se sobre uns sacos de cereal. Um gaiato espreita da rua. Digo quem sou e ao que venho. Ganha-se um pouco de confiança. Os de fora, depois de nos identificarem, caem-nos em chusma sobre a roda. E matam a sofreguidão de novidades, de falar, de saber coisas.

Como de costume, a princípio, ninguém sabe de velharias. Perguntei por adivinhas e disse eu próprio uma do meu repertório. Foi quanto bastou para desatar a língua à dona da casa.

— Então aperte lá esta! exclamou, sorridente.

Há duas aves negras,
Todas duas dum parecer:
Uma come e não bebe
E outra é viva sem comer.
Tu não sabes e eu te digo:
O mosquito bebe sangue
e o gorgulho come trigo.

— E mais estas:

Por cima, linho,
Por baixo, pinho,
De roda, amores
E no meio, flores.

R. — A mesa.

Oh, que lindo ramallete!
Nem cozido, nem assado,
Nem comido com colher;
Não adivinhas este ano,
Nem para o ano que vier,
Se te eu não disser.

R. — Uma romã.

Tigelinha de ferro, baracinho de linho,
Toca-lhe, toca-lhe com um pauzinho.

R. Candeia de ferro.

Fui à serra serrar um madeiro,
Não tinha palmo nem meio palmo;
Vim para casa, fiz dois tabuleiros
E duas tábuas de tender
E ainda sobrou um cocharrinho para mim beber.

R. — Dentes e bolota.

Nisto se está, quando chega uma filha da dona da casa. Olha, desconfiada, para o ajuntamento, e, ao ver-me de papel na mão, volta-se embravecida para a mãe e grita:

— Vossemecê não sabe nada! Cale-se!

E com algum trabalho que convengo a moça de que não venho por mal. E, por fim, até me pedia que a fotografasse. E tecedeira e pude com gosto admirar a sua arte em toalhas, mantas e panos de linho. O tear, primitivo, merecia minucioso estudo. Fica para outra vez, para excursão mais demorada.

Abalamos para a Sarnadinha. A vereda, em que nos afundamos coleia entre matos altos e rescentes. As calças tingem-se do verde das estevas e a besta velha, quase sempre sem carga, vai roçando o mato e abrindo caminho.

(CONTINUA)

Maria Dulce

F. Curado Ribeiro

FORMAM O PAR AMOROSO DO NOVO FILME PORTUGUÊS QUE O PÚBLICO JÁ AGUARDA COM VERDADEIRO INTERESSE!

Dois artistas bastante conhecidos no meio teatral e cinematográfico, MARIA DULCE e FERNANDO CURADO RIBEIRO, têm em «A LUZ VEM DO ALTO» interpretações diferentes de que estamos acostumados a ver.

Ela, sempre jovial, alegre e rissonha é a mola real do conflito que WILLIAM BENDIX escreveu e que HENRIQUE CAMPOS magnificamente pôs em cinema.

Ele, é o homem que veio não se sabe donde e que o acaso fez com que conhecesse aquela bela rapariga, por quem se apaixonou e por quem lutou, contra tudo e contra todos, para fazer dela sua mulher.

As suas interpretações são cheias de verdade, realismo e interesse.

VENDE-SE

Prédio de casas de habitação, com 8 divisões, horta, árvores e terra de sequeiro, em Quarteira.

Dão-se informações no escritório do Dr. Uva, em Loulé ou em Quarteira na Rua Patrão Lopes, 10.

TERRENO

para construção

VENDE-SE, na Avenida José da Costa Mealha. Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Terreno em Gondra. Cerca de 3 hectares sequeiro. Local bom futuro.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Uma propriedade, com terra de semear, arvoredos, casas de habitação, cavalariça e palheiro, junto à Estrada Nacional, em Armazém de Pera.

Quem pretender dirija-se ao proprietário José da Costa Alves — Loulé.

GUARDA-LIVROS

Monta, e segue escritas atrasadas, tomando conta de correspondência. Livre a partir das 17,30.

Nesta redacção se informa.

Venda de Propriedades

Por motivo de ausência dos proprietários vendem-se pela melhor oferta as seguintes propriedades:

I — Um terço da Quinta da Passagem com hortas, muita água, bons pomares, terras de barrocal com árvores de fruto, designadamente, amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras, vinhas e uma bela casa de habitação com 1.º andar denominada «Fica-Bem».

II — Três courelas de terra no sítio de Clareanes, conhecidas por Cascalho, Caligos ou Molinho e Arames, todas se compõem de árvores de fruto.

III — Duas courelas de terra na Malhada-Velha conhecidas por Penedo-Gordo e Barrocal com árvores de fruto e terras de semear.

IV — Duas courelas de terra, de semear com abundante arvoredo no sítio do Poço-Novo denominadas por Dote e Margem da Estrada.

V — Uma moradia de rés-do-chão e 1.º andar e quintal junto ao Tribunal da Comarca.

VI — Duas casas de habitação, terras situadas na Antiga horta do Correia e depois Ascensão.

Enviar propostas até ao dia 30 de Março a Sebastião Dias do Brito Teixeira—Loulé ou ao proprietário: José Guerreiro Pereira: Avenida D. Luís n.º 50 — Lourenço Marques.

Gago Coutinho

(Continuação da 1.ª página)

gação, novas rotas marítimas, e lançávamos o mesmo facho de luz na imensidade dos espaços. A que maior glória, como portugueses, poderíamos aspirar?

Isso o devemos ao grande sábio que passou neste momento à eternidade, porque à glória de há muito já, que por seus trabalhos científicos, históricos e geográficos, se havia guindado.

Lembramo-nos de que na altura do grande feito que espantou e conquistou a admiração do mundo inteiro, um avião estrangeiro pretendia demonstrar que pela T. S. F. se poderiam guiar as aeronaves, como, dizia, o estavam fazendo os portugueses. Os nossos aviadores esclareceram que não era pela T. S. F., mas pelo sextante modificado e adaptado por Gago Coutinho e este e o seu companheiro de glória Sacadura Cabral foram a Paris à Sorbonne fazer a demonstração clara e precisa do seu invento. Foi a apoteose. Estava descoberta a maneira de viajar pelo ar com segurança absoluta das rotas seguras. Foi enorme a consagração recebida, e o seu invento passou a ser usado em todas as viagens do Mundo.

Glória a Gago Coutinho! A sua modestia não permitiu que se lhe fizessem funerais nacionais e quis ser inumado junto dos que em vida lhe foram queridos. Ao Governo coube respeitar a vontade do glorioso Almirante e o seu desejo foi fielmente cumprido e religiosamente respeitado. Foi bem.

Porém a Pátria tem uma grande dívida a saldar perante si mesma e perante o Mundo agradecido. A Pátria deve saldar essa dívida.

Passado algum tempo, o julgamento indispensável para lhe ser erguido um monumento na ara sagrada dos Jerónimos, junto dum cenotáfio ao seu companheiro de glória Sacadura Cabral, devem ser para ali trasladadas as suas gloriosas cinzas, com o devido respeito pelos seus queridos mortos que na eternidade ficarão agradecidos e orgulhosos, sentindo, se assim me é permitido expressar, consolação íntima em que a Pátria glorifique e honre quem tanto trabalhou, também, para a honrar e exaltar.

Comungamos, pois, na mesma ideia dos que advogam a glorificação do cientista e do herói na Panteão Nacional onde dormem o sono eterno os que à Pátria deixam todo o seu ser.

Orgulhem-se nós algarvios da serem do Algarve os ascendentes do glorioso Almirante.

De Faro eram seus pais José Viegas Gago Coutinho e D. Fortunata Maria da Cruz, primos-irmãos, onde nasceram respectivamente em 24-10-1833 e 6-12-1834, tendo-se consorciado na Sé de Faro em 6-7-1867. De S. Brás de Alportel era seu avô paterno Manuel Viegas Gago e de Faro sua avó paterna, onde se consorciaram em 2-6-1829, igualmente na Sé de Faro. Seus bisavós paternos Matias Viegas Teixeira e Bárbara Pires eram da Mesquita dos Poços Ferreiros, respectivamente e consorciaram-se em S. Brás em 30-11-1805.

Pelo lado materno eram seus avós Pedro da Cruz e D. Fortunata Maria, ambos de Faro, onde nasceram na freguesia da Sé, tendo-se ali consorciado em 30-1-1826, descendentes de António da Cruz, de Faro, e de D. Ana Maria, da Fuzeta, baptizada em Moncarapacho, ao tempo do concelho de Tavira, e de Manuel Rodrigues Cavaco, de Salir, ligado a várias famílias de Loulé, hoje aqui existentes, e de D. Rosa Angélica, de Faro, descendente esta de Francisco José Pargana e de D. Feliciano do Carmo, de Portimão, por sua vez descendentes da família Cordovil, daquela localidade.

Gago Coutinho, nasceu em Lisboa na freguesia de Santa Maria de Belém, na Calçada da Ajuda, n.º 13, aos 17-2-1869, mas por seus ascendentes, seu avô paterno 1.º sargento de artilharia, a Arma das matemáticas, e a malícia deles mareantes, como então se dizia, era algarvio, da terra de onde partiram tantos dos que nas caravanas descobriram novos mundos e onde o Infante de Sagres, implantou a sua gloriosa Escola. Que enorme satisfação sentimos ao escrever estas linhas.

Porque aqui também é Portugal!

Glória a Gago Coutinho! Glória ao Algarve! Glória a Portugal!

M. G. P.

Correia & Pedro, Limitada

Por escritura de 25 de Fevereiro de 1959, lavrada a folhas 74 do respectivo livro de notas n.º 192-A, do notário da Secretaria Notarial de Loulé, Licenciado José Alves Maria, foi constituída entre Eduardo Correia e José de Sousa Pedro, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Correia & Pedro, Limitada, tem a sua sede e estabelecimento em Loulé, no Largo Gago Coutinho, n.ºs 16 e 17, é de duração indeterminada e o seu começo terá início hoje.

2.º

O seu objecto é o comércio de máquinas de costura, ou qualquer outro comércio ou indústria que possa exercer sem dependência de autorização especial e que seja acordado entre os sócios.

3.º

O capital social é de 10.000\$00, em numerário, já integralmente realizado, dividido em duas quotas de 5.000\$00, pertencentes uma a cada sócio.

4.º

A gerência da sociedade fica confiada a ambos os sócios, com o uso da firma e dispensa de caução, ficando-lhes vedado o uso da firma em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer outros actos de responsabilidade alheia e estranhos aos negócios sociais.

5.º

A cessão de quotas a estranhos dependerá do consentimento dos sócios não cedentes.

6.º

Os balanços encerrar-se-ão em 31 de Dezembro de cada ano e os lucros líquidos apurados, deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, ou para outros fundos em que os sócios acordarem, ou os prejuízos, se os houver, serão divididos ou suportados pelos sócios na proporção das suas quotas.

7.º

A sociedade não se dissolverá pelo falecimento ou interdição de qualquer dos sócios e antes continuará com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, se estes preferirem nela continuar.

Quarteira

VENDE-SE terreno para construção, em rua paralela à Avenida Marginal.

— Barraca-Bar ISIDORO, com todo o mobiliário e direito à sua exploração, vende-se ou arrenda-se.

Tratar com Isidoro Martins dos Santos — QUARTEIRA — Telefone 19.

TRESPASSA-SE

Casa própria para qualquer ramo de negócio, na Rua do Tribunal, 21-23. Tratar no local.

Transportes de Carga Louletana, L.ª



AGÊNCIA EM LISBOA

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LARAPIO
POUCO INTELIGENTE

O sr. Eduardo Correia é representante das máquinas de escrever «Antares» e tem, naturalmente, várias no seu estabelecimento. Pois há dias esteve lá um «cavalheiro» a fazer uma instalação que «simpatisou» com uma portátil e a levou na sua mala de ferramentas.

Possivelmente não tinha falta de escrever à máquina e resolveu vendê-la a um escritório de Faro, onde a entregou «para experiência», dizendo que voltaria dias depois a receber o dinheiro.

Porém, o «Diário de Notícias» noticiou o roubo e tudo se esclareceu com um telefonema da firma que ficaria com a máquina «de experiência» e onde o larapio era conhecido como pessoa incapaz dum acto dessa natureza.

E tanto assim que o lesado prefere não revelar o nome a prejudicar o futuro de um jovem de 18 anos, cujos pais vivem economicamente desafogados, confiando em que o «praticante» se não meta em novas aventuras.

SINTOMAS
da nossa época

Como a maioria dos nossos leitores sabe, o premiado com o aparelho de rádio cujo sorteio se efectuou no recinto da Batalha de Flores, foi o sr. Hugo Castanho.

Através da notícia que demos, houve alguém, das relações de amizade daquele nosso amigo, que teve conhecimento do facto e se lembrou que entrara no recinto das festas, com a família, com bilhetes oferecidos por aquele sr. Daqui deduziu que, o prémio poderia ter saído num dos bilhetes que o premiado comprou, ofereceu e, naturalmente, guardou.

Assim, convencido da razão que lhe assistia, escreveu de Aljustrel a pedir ao sr. Hugo que dividisse o prémio pois de contrário apresentaria queixas...

O leitor que faça os comentários que entender, pois nem sequer nos parecia necessário acrescentar que, logicamente, os prémios dos concursos são entregues aos portadores dos bilhetes premiados.

Egoísmo, ou falta de raciocínio?

VENDE-SE
EM LOULÉ

QUINTA DA FONTE DA PI-PA — conhecida quinta de rendimento e repouso, com belo palacete, situada a mil metros da vila de Loulé, a 6 quilómetros da praia de Quarteira e a 16 de Faro, com lindas paisagens, boas terras de sementeira, muitas árvores de fruto, com lagos e tanques, instalações para feitor e estabulos.

BLOCO DE PREDIOS — formando um quarteirão independente, com possibilidades de bom rendimento, situado no coração da vila de Loulé.

Aceitam-se propostas para a quinta e todos e cada um dos prédios, em carta fechada e lacrada a enviar para o escritório do advogado Francisco Manuel Sancho e Brito, Largo D. Pedro I — Loulé, telefone 207, até ao dia 22 de Março, com cópia nas mesmas condições, para o sr. Dr. Manuel Guerreiro Pereira, médico, Rua de Santo António, Faro. Todas as propostas serão abertas no escritório do advogado indicado, em Loulé, no dia 22 de Março às 14 horas, na presença dos herdeiros e dos interessados, reservando-se, porém, o direito de não aceitação.

VENDEM-SE

PROPRIEDADES RÚSTICAS NOS ARREDORES DE LOULÉ

VALE D'ASNOS (Sítio das Portas do Céu). Terras de sementeira, figueiras, amendoeiras, oliveiras e monte.

CHABOUÇO (Sítio da Fonte d'Apra). Terras de sementeira, figueiras, amendoeiras, olival e alfarrobeiras.

AMENDOEIRA (Sítio da Amendoeira). Terras de mato e alfarrobeiras.

Área: 4,5 ha. PROPOSTAS: a Fernando Moura Soares — Rua António Ferreira, 16/1.º, Dt.º — Lisboa-5.

Carimbos?

Confie as suas encomendas à Gráfica Louletana. Perfeição, Economia, longa duração.



CASA NATAL

Mendes & Mendes, L.ª

12 — Avenida Marçal Pacheco — 14

— LOULÉ —

O mais completo sortido de todos os artigos de Criança

Artigos Regionais — Retrosaria — Flores Artificiais

O CASO DO LICEU DE FARO

(Continuação da 1.ª página)

ve tem a sua zona natural de recrutamento, que não pode ser forçada, sob pena de originar situações de impossibilidade de frequência, por afectar economias familiares débeis que têm na localização e na facilidade de comunicações o seu apoio.

Os Liceus de Faro e Portimão têm vida paralela, e não complementam.

Por isso, a construção projectada de um maior edifício próprio para o Liceu de Portimão é digna do maior aplauso, por já ser tempo de abandonar o edifício improvisado onde funciona, sem o mínimo de condições.

Também não se podem protelar por mais tempo as providências requeridas pelo Liceu de Faro.

Desde há muito que se esgotou a sua elasticidade.

Uma superlotação de quinhentos alunos num edifício construído para oitocentos, com a agravante de ter uma frequência feminina de mais de 50 por cento, não pode deixar de produzir toda a espécie de complicações, levantando, dia a dia, os mais delicados problemas.

As turmas não se constituem em obediência a normas pedagógicas, medem-se pelas áreas dos compartimentos onde podem ter lugar as aulas.

Estas funcionam onde há uma dependência, com ou sem condições, com evidente perturbação dos restantes serviços.

Depois de esgotados os recursos dos desdobramentos e da utilização para aulas da biblioteca, dos anfiteatros e dos gabinetes e salas dos professores, entrou-se no aproveitamento de arrecadações sem o mínimo de condições higiénicas.

O Algarve, se, por um lado, exultou com a inclusão do Liceu de Portimão no plano de construção de novos liceus, por outro, sentiu-se chocado e proferiu sentidas palavras de crítica porque não compreendeu o esquecimento a que foi votado, nele, o seu Liceu de Faro.

Palavras que põem em causa a capacidade e o espírito de justiça da Administração e que vieram dar mim por várias e competentes vias e solicitaram uma intervenção parlamentar de protesto e esclarecimento.

Para a fundamentar, com elementos comparados, que dessem a conhecer o critério da prioridade seguida, procurei esclarecer-me junto das instâncias competentes de qualquer maneira ligadas ao assunto.

Para tal requeri, ao abrigo do artigo 96.º da Constituição, na sessão desta Assembleia de 23 de Abril do ano findo, que me fosse permitido conhecer alguns dados referentes aos liceus contemplados pelo Decreto-Lei n.º 41 572 e, bem assim, ao Liceu de Faro.

Em sessão de 23 de Outubro, também do ano findo, solicitei a V. Ex.ª, Sr. Presidente, providências para a remessa dos referidos elementos. Com a gentileza e o interesse habitual, prometeu V. Ex.ª insistir pela satisfação do meu pedido.

Apesar de não se tratar de segredo de Estado e apenas de uma simples colheita de elementos que devem estar à mão dos ser-

viços, não se quis ter a atenção de os fornecer.

Insiste-se em conter o erro político, que acaba de ser brilhantemente comentado com tanta propriedade pelo nosso considerado colega Dr. Carlos Moreira, de não ter na devida conta o que se diz e se pede nesta Casa, que é instrumento legal e leal de apreciação dos actos do Governo e da Administração.

Assim se contribui para que a opinião política, constitucionalmente reconhecida como elemento fundamental da política e da Administração, perca a confiança no órgão que na estrutura do regime a representa e possa ser induzida a desinteressar-se da vida das nossas instituições políticas.

Sr. Presidente: como julgo inconveniente, para os interesses de Algarve e do ensino, protelar por mais tempo a apresentação das razões de queixa provocadas pelo caso «o Liceu de Faro e o plano de construção de novos liceus», sou forçado a proferir-las desde já e deste lugar, onde me é lícito fazê-lo, não com fundamento em conhecimento detalhado e geral dos factos que ambientam o assunto, por não me ter sido facilitado, mas apenas com um apontamento elucidativo, que deriva de um facto que é do domínio público e desfavoravelmente comentado nos meios interessados e que, por si só, mostra que a Administração falhou ignorando as dificuldades do Liceu de Faro na elaboração do plano de construção de novos liceus.

Um liceu feminino, com a capacidade para receber as suas alunas e alunas e cinco aulas e mais aquelas que a previsão aconselha a ter em conta, o que permitira, automaticamente, normalizar o funcionamento do liceu existente, que ficaria com a capacidade suficiente para os alunos do sexo masculino, que no corrente ano lectivo se matricularam em número de seiscentos e trinta e quatro, e ainda com uma folga para fazer face, durante certo tempo, aos mais que devem vir.

Esta a sugestão que anda na boca de todos aqueles que são atingidos pela anormalidade da vida escolar no Liceu de Faro e receiam que um futuro agravamento leve a impor limitações de matrícula, que magoarão como algemas postas à expansão natural e indispensável da cultura da nossa gente e à multiplicação do seu escolar.

Sugestão que, com procuração bastante e sobejo fundamento, tenho o gosto de submeter à apreciação esclarecida e competente do Governo e à reconsideração, sempre prestigiante quando clara e oportuna, das entidades que têm poder para tomar iniciativas, planejar e fazer propostas para o progresso e o melhoramento das instalações liceais.

A construção de mais um liceu em Faro teria ainda a virtude de possibilitar legalmente a reposição na fronteira de um deles do nome de João de Deus, que, por força do Estatuto do Ensino Lical, foi arrancado em 1947 do velho liceu, com sentido desgosto no Algarve, e designadamente dos antigos alunos.

União de Camionagem
de Carga, Limitada

— LOULÉ —

Transportes de Carga para todo o País

Rua Padre António Vieira

Telefones 22 e 140

LOULÉ

Delegação em LISBOA

Rua dos Douradores, 12 e 14 Telef. 368788

Notícias pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos em Março:

Em 14, a sr.^a D. Maria Odete Pinguinha do Nascimento e o menino Leopoldino Guerreiro Portela.

16, o sr. Dr. Januário Severiano Daniel Reis, a menina Maria Raquel Rocheta Guerreiro Rua e a sr.^a D. Catarina Mendes Pinto Farrajota.

Em 17, a sr.^a D. Maria Elisa Marim Teixeira Cavaco e o sr. Manuel Raminhos dos Santos.

Em 18, a menina Maria José de Sousa Baptista e as sr.^{as} D. Maria Valentina Guerreiro Rua Frade e D. Isabel Seita Monteiro.

Em 19, a menina Maria Bertini Ferro Dias, residente em Faro e o sr. José Metilho Vaz de Barros Vasques, residente em Portimão.

Em 21, as meninas Erlinda Nunes da Piedade, e Maria José Ramiro Mendonça e o sr. José Bento Batel, residente em Setúbal.

Em 22, a menina Maria Cecília Oliveira Calado.

Em 23, as meninas Maria de S. José Adro Gago e Maria José Calço, a sr.^a D. Maria dos Santos Gonçalves, os srs. Dr. José do Nascimento Costa, nosso assinante em Lisboa e Alexandre Bento Carrilho.

Em 24, a sr.^a D. Maria Gabriela Vaz de Barros Vasques.

Em 26, a menina Bernarda Maria Cavaco Barros e o sr. João Maria Martins da Silva.

Em 28, a sr.^a D. Maria José Pina e o sr. António Joaquim Mendes Pinguinha, residente na Venezuela.

Em 30, o sr. Casimiro José da Piedade Mata.

Fazem anos em Abril:

Em 1, os srs. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, residente em Lisboa e Octávio Rodrigues Contreiras, o menino Francisco Manuel da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António e a menina Maria da Silva Guerreiro.

Em 3, os srs. José Guerreiro Farrajota Cavaco, Francisco José Ramos e Barros Júnior e Eng. Alexandre Guerreiro Correia Frade, residente no Porto.

Em 4, a sr.^a D. Gertrudes Maria Duarte Cavaco.

Em 7, a menina Marinete de Brito Andrade.

Em 8, os srs. João Manuel da Conceição Domingues e Carlos Alberto Feio Bolotinha.

Em 9, o sr. Arquitecto Manuel Maria Laginha, residente em Lisboa.

LARES EM FESTA

Numa maternidade de Sidney (Austrália) teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino a esposa do nosso prezado assinante naquela pais sr. Manuel Silva Bota, sr.^a D. Maria Elisabete Ramos Mendes Bota, natural da Goncinha e que durante algum tempo foi praticante na Secretaria da Câmara Municipal desta vila.

— Num quarto particular do Hospital desta vila, também teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino a sr.^a D. Raquel Costa da Silva Rocha, esposa do nosso prezado assinante e amigo sr. Gabino da Cruz Rocha, hábil industrial nesta vila.

Aos felizes pais endereçamos as nossas felicitações, com votos

sinceros de longa e próspera existência para os seus descendentes.

PEDIDO DE CASAMENTO

Para seu filho, sr. Manuel Nunes Belem, residente em Valência (Venezuela) foi pedida em casamento pelo sr. Jeremias Nunes Belem, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Célia de Brito Pinto, preadada filha do nosso estimado assinante naquele país sr. Joaquim Matoso Pinto e de sua esposa sr.^a D. Maria da Luz de Sousa de Brito Pinto, naturais de Almancil, onde gosam muita estima e consideração.

O enlace deve realizar-se brevemente.

FALECIMENTOS

— Faleceu nesta vila, no passado dia 7 docorrente a sr.^a D. Maria Luisa Aboim Frutuoso da Silva que contava 83 anos de idade.

A extinta era viúva do sr. Dr. Juiz António Frutuoso da Silva e pessoa de grande distinção. Há anos que vivia com uma criada.

No seu funeral participaram pessoas de todas as categorias sociais.

— Com a idade de 78 anos, faleceu nesta vila, no passado dia 14 de Fevereiro, a sr.^a D. Maria do Pilar, viúva, irmã da sr.^a D. Senhorinha do Carmo e tia dos srs. António e José Hermenegildo.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

Defesa da costa de QUARTEIRA contra a erosão marítima

Como em tempos se disse neste jornal, devido à iniciativa da Junta de Turismo de Quarteira, os Serviços Florestais e Hidráulicos do Guadiana acabam de fazer a plantação de 5.000 acácias e outras plantas na drena de areia, a nascente do Bairro Balnear.

— Pretende-se deste modo fixar a drena de areia e, a exemplo do que sucedeu na costa de Vila Real, Monte Gordo e Cacela, obstar ao avanço da linha da praia-mar, visto se verificar uma certa relação entre a altura da sebe viva à beira-mar com o expassamento da praia.

Dada a instabilidade da linha da praia-mar, pretende ainda a Junta de Turismo que outras obras se façam, como sejam a implantação de um molhe ou esporão perpendicular à costa e um pequeno muro que impeça a invasão da estrada litoral pelas areias.

Neste sentido foi levada superiormente uma exposição demonstrativa da razão e da justiça que assiste à nossa Praia para que seja garantida a estabilidade dos edifícios das Praias de Pesca e de Banhos.

C.

Trespassa-se

Mercearia bem situada, por o proprietário não poder estar à testa da mesma.

Tratar na Rua Lima Leitão, 7 - 9 - Lagos.

Louletano Desportos Clube

Resumo das RECEITAS E DESPESAS GERAIS referentes ao 1.º semestre da gerência de 1958/59.

	Recetas	Despesas
Saldo da gerência anterior	547\$50	
Seções: de Futebol	14.556\$40	45.694\$80
de Ciclismo	29.103\$30	19.131\$00
de Diversos	22.690\$90	8.973\$50
Empréstimo (Banco do Algarve)	10.000\$00	
Saldo em Caixa		3.125\$80
	76.925\$10	76.925\$10
Facturas a pagar	2.854\$30	
Empréstimo (B. A.)	10.000\$00	
Dinheiro em Caixa		3.125\$80
Saldo Negativo		9.728\$50
	12.854\$30	12.854\$30

O Secretário-Geral

Alberto Narciso Guerreiro

O Tesoureiro

Manuel de Brito Costa

Se V. Ex.^a está interessada em comprar uma mala de mão

Deve visitar a Oficina de

FERNANDA PINTASSILGO

Onde encontrará os mais recentes modelos de malas de mão em verniz e napa, aos mais baixos preços do mercado.

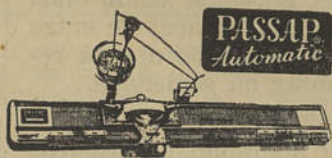
GRANDE COLECCÃO CRIADA ESPECIALMENTE PARA AGRADAR AOS MAIS EXIGENTES GOSTOS

Malas por preços ao desbarato na Oficina de malas de FERNANDA PINTASSILGO

Praça D. Afonso III, n.º 3 (Largo do Chafariz) — LOULÉ

Máquinas de Tricotar

Eis o novo modelo



Toda em aço—201 agulhas—Faz todos os pontos automaticamente

Nunca caem malhas e o trabalho não encolhe

SE FOR BEM COMPARADA SERA A PREFERIDA

APENAS POR 112\$00 MENSAIS

Representante exclusivo:

JAIME AFONSO CANCELA

C. do Combro, 49 — Telef. 31854 — LISBOA

Agência em LOULÉ:

JOSÉ GUERREIRO MARTINS RAMOS

29 — RUA DE PORTUGAL — 31 — Telefone 208

Peregrinação a Fátima

— A Peregrinação Nacional da Acção Católica a Fátima compreenderá, nomeadamente, os seguintes actos: chamada da Diocese, Via-Sacra pela Igreja do Silêncio, Procissão de velas, Hora Santa colectiva, Horas de adoração por grupos de dioceses, Missa de Pontifical com Ofertório solene, Bênção dos Doentes e Assembleia geral de encerramento.

— Os peregrinos da Ilha da Madeira, que chegam a Lisboa no dia 25, no paquete «Mocimbi-que», são portadores das «arquideias» que vão ornamentar, em Fátima, o altar exterior da Basílica e o altar de Nossa Senhora.

— Na Peregrinação Nacional da Acção Católica a Fátima participam os 100 mil filiados da Organização, simpatizantes e pessoas de família. Os que não puderem estar presentes inscrever-se-ão para a «vela simbólica», que arderá na Cova da Iria. A inscrição para a vela simbólica faz-se nas secções paroquiais da Acção Católica e custa 2\$50.

— Todos os peregrinos devem inscrever-se nas Secções paroquiais, a fim de receberem o Manual que lhes permitirá participar em todos os actos de Fátima e o emblema da Peregrinação. A inscrição, que custa 6\$00, dá ainda direito a uma vela, a qual será entregue em Fátima, mediante a apresentação do talão que irá colado na capa do Manual.

— A peregrinação será presidida pelo Ex.^{mo} Cardeal Patriarca de Lisboa, e terá a presença de todo o Episcopado do Continente.

— Para cada automóvel ou camioneta as Comissões organizadoras interessadas devem requisitar às Comissões Diocesanas ou à Comissão Central — em Lisboa — os distícos de estacionamento nos Parques do Santuário, gentilmente cedidos à Comissão das Comemorações. O distíco de camioneta será fornecido pela oferta de 20\$00 e o de automóvel pela de 10\$00.

— Os peregrinos que desejem fazer a viagem de comboio poderão munir-se de bilhetes de «fim de semana», que beneficiam de descontos de 36% em 1.ª classe e 20% em 2.ª e 3.ª classes. Estes bilhetes têm validade, para a ida, desde as 17 horas de sexta-feira e, para o regresso, até às 12 horas de segunda-feira.

— No Pontifical de Fátima as partes cantadas são as seguintes: Glória e Credo, da Missa Brevis; e Kyrie, Sanctus e Agnus Dei, do Kyrieale XVI.

— A Via Sacra será pregada pelos Reverendos Assistentes das Juntas Diocesanas pela seguinte ordem: Algarve, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Évora, Guarda, Lamego, Leiria, Portalegre, Porto, Vila Real e Viseu.

— A adoração nocturna, cuja primeira hora destina-se a todos os peregrinos, prolongar-se-á até às 7 horas do dia 5. Todas as Dioceses de Portugal, agrupadas em turnos vários, terão a sua hora

especial pregando um Ex.^{mo} Prelado.

Esses turnos são os seguintes:
1.º turno — 1 h. — 2 horas: Algarve, Angra, Aveiro, Beja;
2.º turno — 2 h. — 4 horas: Braga, Bragança, Coimbra, Évora, Funchal;

3.º turno — 4 h. — 5 horas: Guarda, Lamego, Leiria, Lisboa;

4.º turno — 5 h. — 6 horas: Portalegre e Castelo Branco, Porto, Vila Real, e Viseu;

5.º turno — 6 h. — 7 horas: Dioceses Ultramarinas.

— O facto de estar marcado para o 2.º turno o período das 2 às 4 horas, não significa duas horas de adoração, pois é uma consequência da mudança de horário que nessa noite se verifica.

A Casa do Algarve e o nosso jornal

(Continuação da 1.ª página)

parece que não o compreendemos, deixando-nos levar por pessoalismos, por piadas e divisionismos que, nos desunem e só nos dividem e nos desprestigiam.

Quantas vezes se afirmam estas coisas para logo a seguir as esquecermos, para envergarmos o figurino que criticámos e que até verberámos com acrimónia. Quantas vezes pedimos crítica construtiva e, num assomo de culto, pela personalidade própria, a fazemos derrotista e até demolidora dos poucos, maiores ou menores, valores da nossa gente, fazendo, afinal auto-retratos.

Algumas vezes isso terá acontecido e por isso o reconhecimento da Casa do Algarve tem para nós o valor de um incitamento para renovarmos, para todos os algarvios, um sincero toque à unidade, à compreensão e sobre tudo ao trabalho comum, sem retaliações nem despeitos, pois que todo o Algarve e cada uma das suas regiões de por si, bem o necessita.

Somos poucos e nunca seremos demais.

O Santuário

DE

Nossa Senhora da Piedade

(Continuação da 1.ª página)

sé João Ascensão Pablos, sendo os sete primeiros, membros da Comissão Executiva.

A Comissão examinou os projectos apresentados e resolveu que os mesmos fossem expostos ao público de Loulé e devotos da Mãe Soberana, a fim de que se colham pareceres e opiniões, que habilitem a Comissão a escolher um deles.

A Comissão dispõe de fundos para fazer face à comparticipação do Estado e, escolhido o projecto, entraria em fase de franca actividade.

Será mais um elemento a valorizar a nossa terra e a dar maior projecção ao culto da Mãe Soberana tão arreigado na fé dos louletanos.

Mais uma vez...

Voltamos a falar da dívida de gratidão que ainda está por saldar.

Hoje, dirigimo-nos especialmente aqueles que ainda não cumpriram com o seu dever para com o Dr. Bernardo Lopes, que ainda não se subscreveram para o monumento a erigir à sua memória.

Poderemos, por vezes, ser rudes na maneira de expor, de tratar dos assuntos mas orgulhamo-nos de ser sinceros, havendo até momentos e situações que a nossa pena, por mais hábil que seja, não logra descrever o que sentimos.

Não estamos aqui com o fim de criticar A ou B, mas sim para dizer que o rigor, o esquecimento, a intransigência, a inconciliabilidade são por nós considerados excessos reprováveis, e que medimos sempre as palavras que dizemos ou que escrevemos para não molestar ninguém. Tem sido sempre norma seguida por nós fazer justiça e dizer a verdade.

Decorrem os dias, os meses, anos até sobre a morte do Dr. Bernardo Lopes que infelizmente, depressa foi esquecido por quase todos aqueles que dele tanto precisaram dos seus serviços de médico distinto.

Tudo passa, tudo esquece...! mas não se deve esquecer o homem que, pela sua competência clínica e pelas suas faculdades de

trabalho, fez inspirar estima e admiração pela maneira desinteressada como tratou toda a gente que o procurava, especialmente os pobres, esse homem superior pela sua estrutura moral e valor profissional que fez da sua profissão um verdadeiro sacerdócio, e hoje, tão esquecido por aqueles que tanto lhe ficaram a dever!...

Não temos, nem nunca tivemos intenção de impormo-nos com a nossa maneira de ver, como claramente mostra o nosso procedimento, a nossa actuação sobre o monumento a erigir à memória do Dr. Bernardo Lopes que levou toda a sua vida a cuidar dos seus doentes que ainda não cicatrizaram a ferida aberta nos seus corações pelo desaparecimento desse grande benemérito.

Lançamos mais esse grito para fazer despertar o dever dos louletanos e a atenção da Comissão encarregada de levar a efeito a construção do monumento à memória deste distinto homem, do médico ilustre entre os mais ilustres, de coração sempre aberto a todos os actos de benemérita.

Com o desaparecimento de tão ilustre médico, Loulé sofreu uma irreparável perda. A medicina falta um dos seus mais distintos ornamentos. Roubou a morte aos louletanos um dos seus mais dedicados amigos que, pelas suas altas virtudes de carácter e dotes de coração, deixou em quantos o conheciam e que com ele privaram profunda saudade.

Sempre fomos sinceros e sempre voltámos culto à verdade, por isso afirmamos que dificilmente se desvanecerá da nossa memória a idéia dolorosa da morte do Dr. Bernardo Lopes, e que por muitos tão esquecido foi, o que nos leva a dizer que: «morreu o bicho acabou a pegonha».

Salde-se a dívida de gratidão.

Augusto C. Bolotinha

Farmácias de serviço

Durante esta quinzena, estão de serviço permanente:

Dia 15 - 22 Farmácia—Pinto	
» 16 - 23 » —Madeira	
» 17 - 24 » —Santos	
» 18 - 25 » —Confiança	
» 19 - 26 » —Pinheiro	
» 20 - 27 » —Pinto	
» 21 - 28 » —Madeira	

LAURA ALVES em LOULÉ

É já no próximo dia 25 do corrente que será apresentada no Cine Teatro Louletano a revista «A Rainha do Ferro Velho» que tanto êxito tem alcançado e em que é principal interprete a consagrada actriz Laura Alves.

RENDAS E BORDADOS

VEJA O SORTIDO DA

CASA BAMBI

Praça da República, 94

LOULÉ

Propriedade

Por motivo de ausência do proprietário, vende-se na Teixeira (Monte de Brito-Alte) com terra de semear, oliveiras, alfairobreiras, amendoiras e figueiras.

Tratar em Alte com José Cavaco Vieira e em Loulé com Amadeu Pedro da Cruz.

SE DESEJA

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o

Stand de José de Souza Pedro

Rua 5 de Outubro, 29

LOULÉ

VACINAÇÃO

Já se está realizando, no Algarve, esta vacinação gratuita, de preferência para as classes pobres e de 1 a 5 anos.

Saúde do Distrito, às terças e quintas-feiras, das 14 às 16 horas. Em Portimão, Olhão e Loulé, nas respectivas Subdelegações.

Em Faro, na Delegação de Saúde.